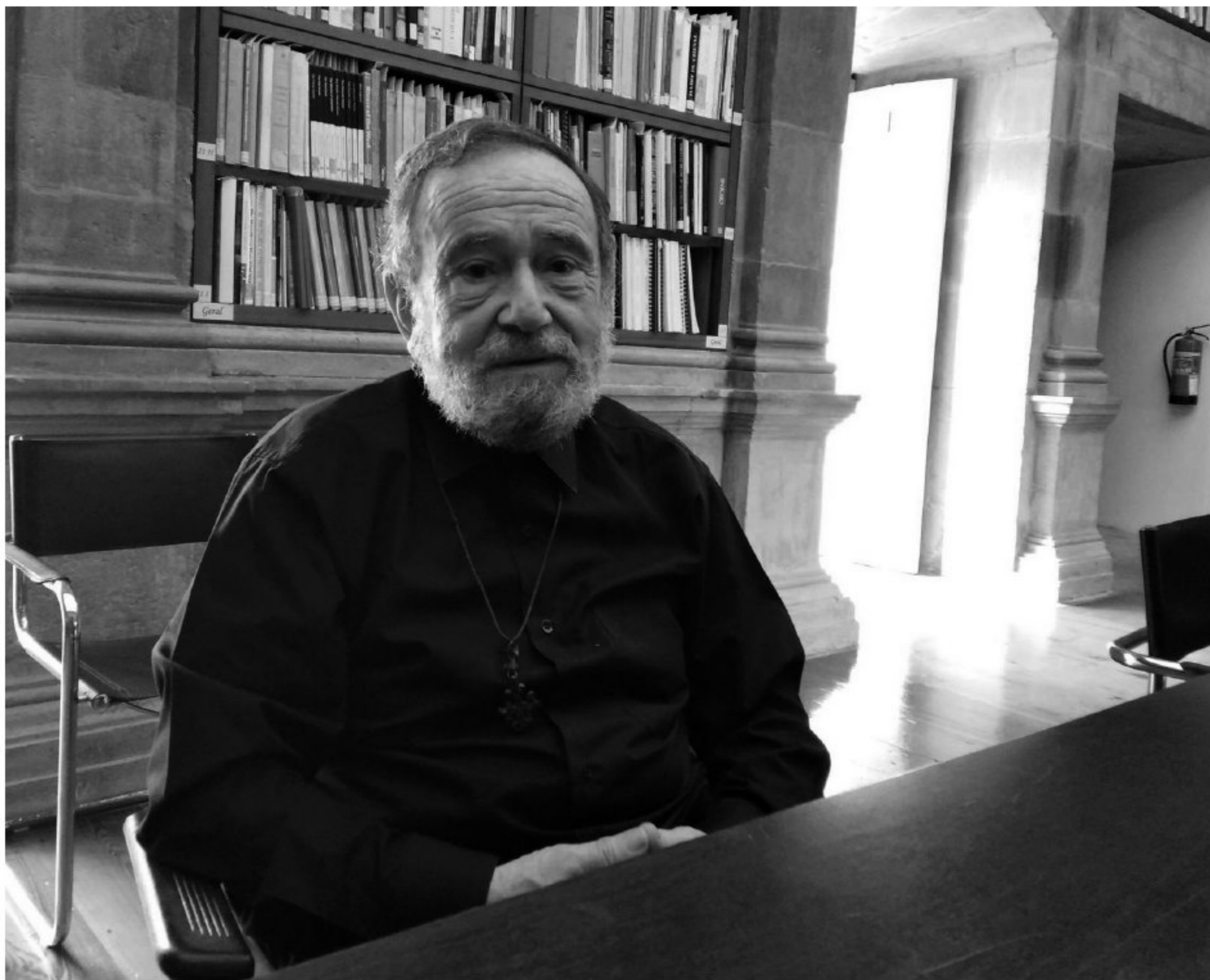


A coleção de uma vida



LUÍS FILIPE THOMAZ Professor tem ligação à Terceira através da avó, fez tropa em Ponta Delgada e deu aulas na Universidade dos Açores

Luís Filipe Thomaz, historiador, deixou a sua coleção de moedas ao Museu de Angra. Contém algumas doadas por D. Luís e herdadas, mas também moedas “desde Portugal até ao Japão”, que refletem o percurso do professor.

Luís Filipe Thomaz esteve pela primeira vez na Terceira aos 16 anos, em 1959. Viajou no Paquete “Lima”, que navegava desde Lisboa, passando pela Madeira e depois pelas ilhas açorianas.

As chegadas desse navio e do paquete “Carvalho Araújo”, que tocavam quinzenalmente Angra do

Heroísmo, foram das imagens que guardou. “Saía Angra toda para a rua. Ia toda a gente ver o navio. Era um dia de festa”, diz.

A sua avó, Elvira Homem de Melo, mudara-se da Terceira para o continente, com a família, muito nova. “O meu bisavô, quando foi, levou a família toda e não sei se tenho cá

parentes”, conta o historiador.

Mas havia “aquela relação afetiva” e chegou à ilha ao cuidado de uma pessoa amiga. Ficou com essa família, então dona do Solar da Madre de Deus.

Aos Açores regressou muitas vezes. Foi ainda a tempo de ver uma baleia no Pico, no cais a ser desmanchada. Assistiu ao transporte do gado vivo, em São Jorge, para os navios que não atracavam na ilha. Era uma pequena embarcação que levava os bovinos, “convencidos com muito boas palavras”.

Fez parte da tropa em São Miguel. Ensinou na Universidade dos Açores. A marca dessa ligação ao arquipélago permaneceu e agora resulta

na doação da sua extensa coleção de moedas, escolhidas na perspetiva de um historiador, ao Museu de Angra.

“Custava-me muito que a coleção, que é boa, não por ter raridades (pode ter uma coisa ou outra mais rara), mas que é de historiador e não de numismata, fosse dispersa. O historiador vê a moeda como testemunho de uma época, de um reinado, de uma dinastia”, explica.

Uma parte selecionada das peças vai estar exposta. Hoje, o Museu de Angra do Heroísmo inaugura, pelas 21h, a mostra “Nove Séculos de Amoedação Portuguesa — A doação de Luís Filipe Thomaz — primeira parte”. A abertura inclui uma

comunicação do colecionador.

“Tendo como núcleo moedas herdadas dos tios, algumas das quais doadas por D. Luís, o rei numismata, com destaque para um bellissimo real de prata de 10 soldos de D. Fernando I e uma soberba dobra de D. João V, esta coleção foi meticolosamente constituída”, descreve o museu.

MOEDAS E HISTÓRIAS

Há coisas que se herdam e outras que se constroem ou encontram. Foi assim, também, com a coleção de moedas de Luís Filipe Thomaz, professor que passou pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela Universidade Nova e pela Universidade Católica.

“Parte da coleção, herdei. Não era do lado da minha avó daqui, mas do outro. Era uma família de funcionários da Casa Real... Tenho a nomeação do meu tetravô para reposteiro da Real Câmara, nomeado por D. João VI. Como o nome indica, ele tinha de repor. Por exemplo, partia-se um prato e ele repunha-o. Tratava disso, dos materiais. O Rei D. Luís era um grande numismata. Fez uma grande coleção de moedas. D. Luís, às vezes dava moedas repetidas”, refere.

A coleção de D. Luís seria doada por D. Manuel II à Casa da Moeda, resultando no atual Museu da Moeda. Outras moedas da coleção também eram da família do historiador. “Naquele tempo, as pessoas não punham dinheiro no banco. Guardavam reservas. Por exemplo, havia



PORTUGAL Dobra de D. João V e cruzado de D. Afonso V, o primeiro rei português a cunhar cruzados

cento e tal libras em ouro da Rainha Vitória de Inglaterra. Em Portugal, depois de D. Luís, deixaram de cunhar moeda de ouro. Guardei uma de cada tipo e as outras troquei em casas de numismática, para ficar a coleção mais variada”, recorda.

Em pequeno, deixavam-no ver as moedas, mas só lhe davam as de cobre. As de ouro e de prata ficavam guardadas na gaveta, para mais tarde serem suas.

Com família em Goa, Índia, também lá foi encontrando moedas, num colorido mercado ou numa casa de antiguidades.

O pai foi oficial da Marinha. Luís Filipe Thomaz estudou no Colégio Militar, mas enjoava nos navios e a

viagem no paquete “Lima” tirou isso a limpo. Com uma paixão pela História que nasceu na adolescência, acabou por seguir essa rota.

Quando terminou o curso, ainda deu aulas na universidade, mas preferia o ambiente militar. Fez tropa no continente e em Ponta Delgada. Escolheu estar três anos em Timor. Lá foi o primeiro a colocar as preocupações da população nativa no semanário “A Província de Timor”. Ganhou o respeito das gentes, dos militares e do governador e tudo estava encaminhado para ser reitor do liceu, quando o pai ficou doente e teve de regressar a Portugal.

Reocupou o seu lugar na Faculda-

de de Letras e viveu o seu melhor tempo de professor no pós-25 de abril. A faculdade estava um “pandemónio”, as manifestações e contramanifestações repetiam-se, havia liberdade em tudo. As turmas eram pequenas e próximas.

Foi nesse tempo de liberdade que começou a lecionar História da Índia. Viria a ser, em 2002, diretor do Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa. Aposentado, continua a ensinar e aprender. Está ligado à comunidade moldava em Portugal, aprendeu a língua. Frequenta uma paróquia moldava em Cascais e o seu “ofício” é traduzir a liturgia ortodoxa bizantina para portugueses, para as próximas gerações.

Recebeu a tonsura monástica e foi ordenado diácono. É coadjutor da paróquia.

Viajou e muito, por vários motivos. A coleção ganhou moedas “desde o século sétimo antes de Cristo até aos nossos dias e desde Portugal até ao Japão”.

Esse lado “ecclético” é parte da razão que motivou a doação ao Museu de Angra: “Tem moedas do sultanado do Egito, do império otomano, do império persa, da Índia, China, Tailândia. Angra, durante muito tempo, foi quase o centro do mundo”.

Em Lisboa, “já havia muita coisa” e o colecionador queria deixar as moedas num lugar onde tem “uma ligação genealógica e afetiva”.

“Uma vez apareceu-me lá um indivíduo que era o curador da coleção numismática do Banco Espírito Santo, agora o Novo Banco. Ele negociava moedas e disse-me ‘faço-lhe um leilão e fica rico’. Respondi-lhe que não precisava ficar rico, preferia ter a minha coleção”, conta. Agora, essa coleção fica guardada cá. ■



HISTÓRIA Moedas de Alexandre Magno da Macedónia e dos seus sucessores com a efígie de Alexandre, a primeira em todo o mundo a figurar em moedas